

tanta saude e tanto poder á personalidade; como, em outros termos, pode o patologico, tão a meúde, conter o supranormal.

### LXXIII — Fisiologia do supranormal — Hereditariedade fisiologica e hereditariedade psiquica.

Somente estes conceitos de vida psiquica podem conduzir a ciencia ás portas de uma ultrafisiologia ou fisiologia do supranormal, qual a vêdes despontar nos fenomenos mediunicos. Aqui, são imediatas as relações entre materia e espírito; o psiquismo modela uma materia protoplasmica mais evolvida e sutil: *o ectoplasma*. A construção nova, antecipação na evolução, naturalmente não posse a resistencia das fórmas que se estabilizaram por efeito de uma vida longa e se mostra pronta a desfazer-se. As sendas novas e excepcionais ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia do supranormal, que surgem fóra das vias habituais da evolução, necessitam de fixar-se na forma estavel, por meio de tentativas e prolongada repetição. Tudo isso vos lembra o raio gálbular, retorno atavico, esse, de um passado transposto; o ectoplasma, ao contrario, é o pressentimento do futuro. Esta forma corresponde áquele processo de desmaterialização da materia, de que já falámos. A materia química do ectoplasma corresponde a uma avançada passagem de sistemas atomicos para motos vorticosos, ao longo da escala dos elementos, em direção aos pesos atomicos maximos. O fosforo (peso atomico 31), corpo sucedaneo, só aceito em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, no adiantado moto vorticoso, como corpo fundamental, a par de H (1), C (12), N (14), O (16). A plástica da materia orgânica, por obra do psiquismo central diretivo, se faz cada vez mais imediata e evidente. Tudo isto vos explica a estrutura lacunosa de muitas materializações espirituais, em as quais a incompleta formação de algumas partes é suprida por massas uniformes de substancia ectoplasmica, com a apariencia de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço, a imperfeição do novo. Isto vos torna compreensível que o desenvolvimento do organismo até á forma adulta não seja senão uma construção ideoplastica operada pelo psiquismo central, seguindo as velhas e seguras sendas tradicionais, percorridas pela evolução.

A rôde dos factos e concomitancias cada vez mais se aperta em torno deste inegável psiquismo e só ele vos dá a chave do fenômeno da *hereditariedade*, fenômeno esse inexplicável, se considerado apenas pelo seu aspecto orgânico, como o faz a ciencia, e que, para ser compreendido, tem que se completar com o conceito de uma *hereditariedade psiquica*. Como poderão órgãos sujeitos a uma con-

tinua renovação, até final e definitivo desfazimento, conservar indefinidamente características estruturais e transmitir atitudes prenatais a outros organismos? E é de notar-se que as registrações no instinto, frequentemente as mais importantes, se dão depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto, às vezes mesmo na velhice (maturidade psiquica máxima). E como, numa natureza tão previdente e económica, poderiam perder-se até mesmo as melhores ocasiões? Porque não há de a hereditariedade seguir outras vias, as vias psíquicas, pelas quais o material colhido é assegurado á sobrevivência do princípio espiritual, de preferência ás vias orgânicas da reprodução? E não vemos que aquele é o nó que prende numa explicação única todos os fenômenos do instinto, da consciência, da evolução psíquica? Quem, senão o espírito imortal, pode constituir o fio condutor que, através de um contínuo nascer e morrer de fórmas, rege o desenvolvimento da evolução? E que fio, senão esse, saberá fazer-lá chegar ás superiores construções da ética?

Este conceito de hereditariedade psíquica leva á inevitável conclusão, já agora preparada por muitos factos para poder ser negada, da sobrevivência de um princípio psíquico á morte, tanto no homem, como nos seres inferiores, não desherdados pela justiça divina — se bem que irmãos menores e se bem que de forma diversa — do direito de sobreviver. Se o psiquismo já se evidencia como parte integrante dos fenômenos biológicos, como princípio a que se acham confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora de todas as suas sucessivas fórmas, é óbvio se admite que ele, desde que sobrevive á morte orgânica, preexista ao nascimento. Este equilíbrio de momentos contrários é indispensável á harmonia de todos os fenômenos, á indestrutibilidade da substância, patente em todos os campos; tudo é continuação e retorno cíclico. O universo não pode ser arritmico, em nenhum ponto, nem a qualquer momento. E' absurdo, pois, o conceito de uma Divindade posta sob a dependência de dois seres, cuja união tenha ela de esperar, para ser obrigada, quando eles o queiram, á obra da criação de uma alma. Não se pode conceder á criatura esse poder de decidir. E que acúmulo de unidades espirituais, através da vida, no tempo ilimitado! Onde se completaria o ciclo e se restabeleceria o equilíbrio?

A própria hereditariedade vos apresenta fenômenos que se não podem explicar de outro modo. Sem estes conceitos, tudo se torna incompreensível e ilógico; com eles, tudo é claro, justo, natural. Às vezes, os filhos superam os genitores, os genios nascem quasi sempre de antepassados mediocres. Como pode o mais gerar-se do menos? Os caracteres distintivos da personalidade exorbitam de toda hereditariedade, á qual vêdes deixadas as afinidades orgânicas, mais do que as qualidades psíquicas. Vimos que a genese do psiquismo, a formação do instinto, da consciência são problemas insolúveis de

outra maneira. Porque essas profundas desigualdades inatas, indestrutíveis no individuo, qualidades suas indelevelmente estampadas no seu interno semblante psíquico? Não vos mostram elas todo um caminho percorrido? Um passado vivido, que não se pode anular, nem fazer calar, ressurge e clama: tal fui, tal sou. De tudo isto depende um destino de alegria ou de dor, que é um direito ou uma condenação. Uma criação nova, provinda do nada, deveria, por divina justiça, formar almas e destinos *iguais*. Não façais que tantas condenações dolorosas, que Deus justamente permite porque assim o quis o sér livre e responsável, recaiam sobre a divindade, como acusações de injustiça ou de inconsciencia. Que absurdidades éticas para com uma alma a que, ao contrario, se deve ensinar a subir moralmente!

Não abrais, para o homem, exceção na lei ciclica que rege todos os fenomenos. Um rio não pode criar-se a si mesmo na fonte. Se esta não se alimentasse sempre por meio da evaporação e das chuvas vindas do mar, nenhuma haveria com capacidade bastante para entreter o eterno fluir. Não crieis desproporções entre um átimo, qual a vossa vida, e uma eternidade de consequencias. Sabéis o que seja uma eternidade? E' absurda, inconcebível, tão grande desproporção entre causa e efeito. *Só não pode morrer o que não nasceu*; somente pode sobreviver na eternidade o que não teve principio. Se admitis um ponto de partida, tendes que admitir um equivalente ponto de chegada. *Se a alma nasce com o corpo, com o corpo tem de morrer*. A lógica então vos conduz ao mais desesperado materialismo.

Não acrediteis, como muito a meúde costumais fazer dentro das vossas ilusões, que premio e pena, alegria ou dor, na eternidade da justiça divina, se possam usurpar, conforme é de uso no vosso mundo. Tudo ocorre por efeito de uma lei fatal de causalidade, uma lei intima, invisivel e inviolável, contra a qual nada podem a astúcia ou a prepotencia. E' uma lei matematica, um exato cálculo de forças. Não ha possibilidade de violação em tão ferrea engrenagem de fenomenos. As consequencias das proprias ações ninguém foge nunca e o bem ou o mal que alguém pratica operam por si mesmos. Antes da hereditariedade orgânica, está uma hereditariedade psíquica, que comanda aquela outra, resumindo todas as vossas obras e adstringendo o vosso destino. Deus é sempre justo. A ninguem podeis inculpar; em qualquer caso, é absurdo maldizer. A cada instante, procede-se ao balanço exato do dar e do ter, como culpas e meritos, como pena e gozo, e a dor é sempre uma benção de Deus, porque, se não expia e purifica, se não paga o débito, sempre constroe, porque acumula crédito. E' a lei da vida, oculta, inatingível, presente sempre, que nunca se desmente.

Caem as vossas barreiras e as defesas que levantais a favor da injustiça. A justiça é a lei profunda, que vos acompanha e sem-

pre vos alcança, na eternidade. Quantos dramas nestas poucas palavras! Acima da parentela dos corpos, tendes um parentesco mais profundo com o vosso passado e com as vossas obras, que em torno de vós ressurgem, vos assediam, vos elevam ou abatem. Sois quais vos fizestes; possuis, concedidas aparentemente pela natureza, as armas que fabricastes; com elas enfrentais a vida, com elas a sobrepujais. Pusestes em movimento as causas que agora operam dentro e fóra de vós. O presente é filho do passado; o futuro será filho do presente. A ninguem culpeis. A genese de uma vida não pode ser efeito do egoísmo de dois, a operar em detrimento de um terceiro, impossibilitado de dar consentimento. Como podeis crer que toda uma vida de alegria ou de dor, da qual dependeria a fixação de um estado definitivo para a eternidade, seja deixada ao arbitrio de um facto acidental, executado sem consciencia das consequencias resultantes dele? Como é possível que um facto tão substancial, qual a vida e a dor de um homem, num organismo universal onde tudo é tão precisa e justamente objetivado e previsto, seja assim posto fóra do alcance de toda lei, no momento decisivo de sua genese, de tão colossais efeitos? Não vêdes a absurdidade de semelhante conceito? Como podeis crer que na imensa ordem soberana possa haver lugar para a loucura e para a maldição, para a inconsciencia e para a usurpação, e que as causas da dor possam os irresponsaveis semeá-las ao acaso?

Mas, não ouvis a vossa personalidade a clamar "eu", acima de todo vínculo e de toda afinidade? A hereditariedade é sobretudo psíquica e essa é vossa, individual, por vós preparada e buscada. A hereditariedade fisiologica é uma hereditariedade secundaria, dependente daquela outra, de consequencias limitadas, porque inerentes a um organismo que para vós não é mais do que veículo da viagem terrena e que amanhã abandonareis. A parentela familiar é parentela orgânica, de formas, de tipo; a esse vaso desceu o vosso espírito, não por acaso, mas por lei de afinidade e a fusão se faz completa numa unidade que, embora conservando os caracteres da raça e da família, muitas vezes, como personalidade psíquica, os transcende inconfundivelmente. Daí as semelhanças e, ao mesmo tempo, tantas diferenças. Os progenitores vos dão o germen da vida física, protegem-lhe o desenvolvimento, a par do da vida psíquica que desceu do céu e lhes está confiada. Respeitai-lhes e amai-lhes o grande labor. Nas horas frageis da juventude, eles têm nas mãos a vossa alma eterna; e tremei, se sois pais, considerando-vos escolhidos para colaboradores no trabalho divino da construção de almas.

Se a vida psíquica não é filha direta dos progenitores, é deles, todavia, parente, pelas vias da afinidade, que a chamou e atraiu para aquele determinado ambiente. Nada fica entregue ao acaso. A meude a alma escolhe o lugar e o tempo, presaga das provas que

Ihe cumpre vencer; mas, quando ainda não alcançou esse grau de consciencia e ainda não sabe ser livre, então o seu peso específico, resultante do grau de sua distilação espiritual, as atrações e repulsões pelas coisas da terra, a natureza do tipo que constituiu para si, a guiam *automaticamente* para um equilibrio espontaneo de forças — pois que tudo se equilibra no universo, do atomo ás estrelas — no seu elemento, em o qual somente lhe é possivel viver e laborar.

#### LXXIV — O ciclo da vida e da morte e a sua evolução.

Essa hereditariedade psiquica é, com significado e função fundamentais, a base do ciclo alternativo da vida e da morte. Na evolução darwiana vistes unicamente a progressão das formas organicas. Não podieis deixar de topar com esse ultimo efeito do psiquismo; ele, porém, qual intima causa determinante, permaneceu para vós na sombra. Fugiu-vos assim o fio condutor de todo o processo e a acumulação dos valores psiquicos, a sustentação, em linha de continuidade, de tantos fenomenos constantemente interrompidos pela morte, se vos conservaram como um misterio. Não evolvem as formas, porém o princípio imaterial que as plasma, que lhes é a causa e que tem o poder indestrutivel de as reconstruir sempre.

Se a natureza guarda suprema indiferença diante da morte, é porque esta, substancialmente, *nada destroe*, tanto que, apesar das continuas mortes, a vida prossegue triunfante. A morte nada destroe, nem do que é materia, nem do que é espirito. A materia abandonada desce de novo a um nível inferior e é apanhada em mais baixo ciclo de vida. O psiquismo retoma o dinamismo e os valores espirituais e ascende, imaterial e invisivel, para equilibrar-se no nível que lhe é proprio *por peso específico*. Do mesmo modo que com a luz e as cores pinta a natureza os mais maravilhosos quadros e, depois, despreocupadamente, deixa se desvanegam, porque sabe em seguida reconstrui-los, de pronto, mais belos ainda, tão rica se sente de beleza, tambem com a quimica do plasma, com as forças da vida, com a sabedoria do psiquismo, a mesma natureza modela as mais maravilhosas formas e as deixa murchar e morrer, porque as sabe refazer rapidamente e as refará mais belas, numa infinita prodigalidade de germens.

A morte, com efeito, não lesa o principio da vida, que permanece intacto, que, antes, continuamente rejuvenesce, em virtude dessa renovação continua atraves da morte. Se a natureza não teme e não foge á morte, é porque esta é *condição de vida* e, da sua intima economia, nada a morte arruina. Sabe a natureza que a substancia é indestrutivel, que nada nunca se pode perder como quantidade, nem como qualidade; sabe que tudo ressurge da morte: ressurge o

corpo no ciclo das trocas organicas e ressurge o espirito no psiquismo diretor.

Que é a morte? Que é essa singular evaporação de consciencia, por efeito da qual o organismo, num instante, passa do movimento á imobilidade, da sensibilidade á passividade inerte? Consternados, olhais para aquele corpo morto e em vão lhe pedis que vos restitua á sensação a centelha, que se apagou, da vida. Entretanto, no primeiro momento, a materia ainda está toda ali intacta; estão todos os órgãos, todos os tecidos, a forma; a maquina repousa completa. Só falta a vontade do conjunto, o psiquismo diretor; falta o poder central e a sociedade se dá pressa em dissolver-se, qual exercito sem chefe, onde doravante cada soldado pensa por si mesmo, cuidando de agregar-se a outros exercitos, tanto que os encontre. Rue o esplendido edificio e outros construtores proximos, não importa se menos habéis, correm á cata de materiais para os seus edificios. Tudo é presto retomado em novo circulo, reutilizado e revive ao sol. Nada pode nunca morrer. Apenas a unidade coletiva se dissolve em menores unidades componentes.

Ha então separação do psiquismo e profunda mudança de estado na materia. Ha nesse fenomeno qualquer coisa que lembra outras mais simples mudanças de estado, como a passagem da materia do estado gasoso ao estado liquido, até ao sólido. Ha perda de mobilidade, liberação de energia. Nada em a natureza se destroe e mesmo a morte, por lei universal, *tem que restituir intacto* o psiquismo cujos traços inutilmente procurais dali por diante naquele corpo. Não importa que aos vossos sentidos e meios de observação ele escape no imponderavel. Havia um psiquismo animador que agora já não ha. Todo o universo, por obediencia constante á sua lei, clama que aquele psiquismo *não pode ter sofrido destruição*. Aquele principio vós o vedes *renascer* a todo momento, como do mar renascem as chuvas que sobre vós caem: renascer rico de instintos, proporcionado ao ambiente, individuado como estava quando o corpo morreu. Vós o vedes desaparecer na morte e reaparecer no nascimento. Como então é possivel que o ciclo não se feche, conforme acontece com relação a todas as coisas, reunindo de novo os seus extremos? *Assim como o que não morre não pode ter nascido, também não pode morrer o que existia antes do nascimento. O que não nasceu com a vida, com a vida não morre.*

A logica do universo, a voz de todos os fenomenos concordeamente vos conduzem a esta conclusão; se, como está demonstrado, apesar da mutação da forma, a substancia se conserva indestrutivel, se é evidente a existencia de um principio psíquico, este principio tem que ser imortal e imortalidade não pode ser senão eternidade, equilibrio entre passado e futuro, isto é, reincarnação. Se é eterno tudo o que existe, vós, desde que existis, sois eternos. Coisa alguma poderá jamais anular-se. Não ha lei ou autoridade humana que